



## **UM LETRAMENTO HISTÓRICO PARA UM LETRAMENTO RACIAL: EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA NO CEB- UEFS**

Eixo: Educação, Diversidade e Inclusão

Subprojeto: História

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

**Victória Leal** ([vhleal12@gmail.com](mailto:vhleal12@gmail.com)); **Alane Souza Sidronio Machado**  
([alanesidronio15@gmail.com](mailto:alanesidronio15@gmail.com)); **Clara Letícia Oliveira Gonçalves**  
([leticiaolivelwt@gmail.com](mailto:leticiaolivelwt@gmail.com))

**Palavras-chave:** Educação Antirracista, Letramento Histórico, Pibid História, Racismo Estrutural.

### **1 INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, apresentamos um projeto de ensino e pesquisa em desenvolvimento no âmbito do PIBID História da UEFS, no Centro de Educação Básica da Universidade de Feira de Santana (CEB-UEFS). Segundo a diretriz do subprojeto, a proposta articula o letramento histórico (Rocha, 2020; Schmidt, 2009) e o letramento racial (Moreira, 2024), visando uma educação antirracista. Sua justificativa assenta-se em três pilares: a urgência social em compreender e problematizar o racismo estrutural como permanência do período colonial (Almeida, 2019); o alinhamento legal com as Leis 10.639/03 e 11.645/08, que determinam a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira na Educação Básica, especialmente no ensino de História; e a lacuna representada pela ainda incipiente difusão do letramento histórico na prática docente, denunciada por Rocha (2020) e evidenciada pela própria ausência do termo na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

O projeto visa: apresentar e problematizar a escravidão como elemento estruturante da sociedade colonial brasileira e suas repercussões no e para o racismo estrutural contemporâneo, articulando, assim, o passado e o presente com a permanência tanto do racismo quanto das formas de resistência a ele. Além de trabalhar com repertório de informações históricas (conceitos substantivos), objetivamos, por meio do trabalho com fontes históricas, identificar as dinâmicas de dominação e resistência à escravidão e dessa forma habilitar a análise crítica por meio da interpretação de diferentes linguagens (arte visual, texto, música) e reconhecer a agência negra, combatendo visões passivas sobre a escravidão e destacando formas de organização e luta da população negra ao longo da história no Brasil.

## 2 METODOLOGIA

A experiência está sendo desenvolvida por bolsistas do PIBID em turmas de 7º ano do CEB-UEFS, sob a supervisão do professor Leandro Menezes, considerando o diagnóstico de uma carência de letramento histórico nos alunos e viram no conteúdo programático do Brasil Colonial uma oportunidade para articulá-lo com o letramento racial (Moreira, 2024). Do ponto de vista didático-histórico, trabalhamos com a metodologia de investigação com fontes históricas diversas, articuladas com a construção de conceitos substantivos (sistema colonial e escravidão no Brasil) e epistemológicos (evidência, perspectiva, narrativa, empatia históricas). A proposta apresenta uma dimensão coletiva e um tema recorrente: resistência negra no Brasil, mas se destrincha em intervenções e planos de aulas individuais/por dupla. Foi estruturada em três momentos principais: o levantamento inicial das ideias históricas do/as estudantes, as intervenções a partir de aulas históricas e a avaliação processual.

A atividade diagnóstica inicial, desenvolvida em setembro, será aplicada nas turmas de 7º ano A e B durante a primeira semana de outubro. Através das narrativas a partir da observação, análise e interpretação de fontes históricas imagéticas de períodos distintos (as pinturas "Um jantar brasileiro", de Debret, 1827; "Negros dançando fandango (jongo) no Campo de Santana, Rio de Janeiro", de Augustus Earle, 1822; "Capoeira ou Dança da Guerra", de Johann Moritz Rugendas, 1835; e "Candomblé", de Carybé, 1968, junto a uma foto contemporânea de trabalhadoras domésticas, de Regina de Grammont/Folhapress, 1998), investigaremos como se manifesta o pensar historicamente dos alunos, com informações históricas, domínio de conceitos como evidência e interpretação históricas, mudanças e permanências e também como usam passado para orientação temporal no presente vivido.

Em seguida, estão previstas três sequências didáticas individuais, em aulas geminadas e sendo duas na turma do 7º A e uma no 7º ano B, cuja aplicação deverá acontecer em outubro de 2025. A primeira visa compreender a escravidão pela perspectiva das pessoas

escravizadas, usando relatos e autobiografias — como a de Mohommah Baquaqua —, visando humanizar suas experiências, destacar estratégias de resistência e operacionalizar o pensamento (ou letramento) histórico, sobretudo a evidência, narrativa e empatia históricas. A segunda tem como meta aprofundar a reflexão sobre a resistência negra a partir do conceito de *Amefricanidade*, de Lélia Gonzalez (1988), que reconhece a agência e a identidade coletiva negra, a partir da análise de fontes que expressam práticas culturais de resistência, incluindo quilombos, linguagem, afirmação do cabelo crespo e a própria maneira de pensar, agir e ser. Por fim, enfatizando a dimensão ético-política, a terceira pretende trabalhar a empatia histórica e a contextualização, focando na análise de fontes que exploram a arte como forma de resistência, desde o período colonial até os movimentos artísticos atuais.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como é um projeto ainda em curso, espera-se que a partir de sua aplicação, os estudantes desenvolvam uma compreensão crítica da escravidão como elemento central na formação da sociedade brasileira, reconhecendo suas continuidades no racismo estrutural contemporâneo. Espera-se, ainda, que consigam identificar e analisar fontes históricas diversas, contextualizando-as em suas especificidades e contradições, e demonstrem maior empatia histórica ao reconhecer as agências e resistências negras, no passado e no presente. Também se almeja a produção de narrativas plurais pelos alunos, superando visões hegemônicas da história. A expectativa é que o trabalho com letramento histórico possibilite aos alunos não somente acessarem o “que se sabe” (conhecimentos substantivos ou historiográficos), mas também operarem com o “como se sabe” história (epistemologia), operando com conceitos como evidência, perspectiva e permanências e rupturas.

A abordagem que fundamenta o projeto, ancorada na cognição histórica situada na ciência de referência (Schmidt, 2009) pode facilitar a conexão entre o passado escravista e questões raciais atuais. Nesse sentido, Rocha (2020) evidencia que o letramento não é um processo controlado e linear, mas uma relação contínua entre a cultura escolar e a cultura em geral. Para a autora, o letramento histórico é concretizado quando o conhecimento narrativo e a reflexão sobre o tempo transformam o comportamento e o pensamento do indivíduo por meio de mediações culturais, especialmente a escrita. Complementando a discussão, Schmidt (2009) defende que a literacia histórica deriva dos estudos sobre consciência histórica — entendida como a interpretação da experiência temporal para orientar a vida prática. Baseando-se em Rüsen (2012), ela propõe uma “cognição histórica situada”, que permite conectar a História à vida do indivíduo, contribuindo para a construção de sua subjetividade e para o reconhecimento da subjetividade do outro.

Apesar de distinções marcantes, vemos convergências entre as autoras, particularmente no ponto em que reforçam a ideia de que a aprendizagem histórica é efetiva quando transforma os padrões de interpretação do passado e do comportamento do indivíduo. Portanto, ao trabalhar com tais fontes, estimula-se, também, a empatia histórica (Lee, 2006) e o posicionamento crítico frente a discursos de ódio e discriminação.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme aponta Rocha (2020), há uma omissão do letramento histórico nas propostas curriculares. Essa lacuna reflete um problema no ensino de História que, por vezes, prioriza a memorização de fatos em detrimento do desenvolvimento do raciocínio histórico-crítico. Ao trabalhar com o letramento histórico, buscamos mobilizar habilidades e competências que possibilitem aos estudantes interpretar o passado por meio de fontes e construir suas próprias narrativas, em vez de simplesmente reproduzir as existentes. Portanto, a metodologia adotada no projeto não apenas se alinha às demandas por uma educação antirracista, mas também responde a uma lacuna teórica e prática fundamental na área do ensino de História.

#### REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, MEC, 2018.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.
- LEE, Peter. **Em direção a um conceito de literacia histórica**. In. Educar em Revista, Curitiba, v., p. 131-150, 2006.
- MOREIRA, Adilson José. **Letramento racial: uma proposta de reconstrução da democracia brasileira**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2024.
- ROCHA, Helenice. Letramento(s) histórico(s): uma proposta plural para o ensino e a aprendizagem de História. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 13, n. 2, jul.-dez., 2020.
- RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Com a contribuição de Ingetraud Rüsen. Tradução de Peter Horst Rautmann, Caio da Costa Pereira, Daniel Martineschen, Sibebe Paulino. Curitiba: W.A. Editores, 2012.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Literacia Histórica: Um desafio para a educação histórica no século XXI. **História & Ensino**, Londrina, v. 15, p. 09-22 ago. 2009.